

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
DOCLISBOA: O DOCUMENTÁRIO EM MARCHA - CONTURBADOS ANOS  
30 NA AMÉRICA DO NEW DEAL**

Programa “Ressonâncias duradouras: olhos selvagens e alegres”  
**28 de Outubro de 2023**

**LOOK PARK / 1974**

*Um filme de Ralph Steiner*

Realização e Direcção de Fotografia: Ralph Steiner / Montagem: Nathaniel Dorsky /  
Música: Jacob Druckman.

Cópia: DCP (original em 16mm), cor e preto e branco, sonora, sem diálogos, cartões em  
inglês com legendagem electrónica em português / Duração: 11 minutos / Inédito  
comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

\*\*\*

**Look Park** é apresentado com **The Savage Eye**, de Ben Maddow, Sidney Meyers e  
Joseph Strick (“folha” distribuída em separado).

Sessão apresentada por Tanya Goldman

\*\*\*

Ralph Steiner (1899-1986) ficou primeiro conhecido como fotógrafo, vários anos  
antes de se dedicar à realização de filmes e à fotografia para cinema (pertence-lhe  
por exemplo a extraordinária direcção de fotografia de **People of Cumberland**, que  
já mostrámos neste Ciclo). Ainda nos anos vinte chegou a trabalhar na impressão de  
fotogravuras de imagens de **Nanook of the North**, de Robert Flaherty (1922), e  
destacar-se-ia no âmbito da célebre escola de Clarence H. White, escola por  
excelência da fotografia moderna, associada ao movimento da “Photo-Secession  
movement”. Clarence H. White, com Alfred Stieglitz e muitos outros, foi um dos  
grandes responsáveis por garantir à fotografia um papel como forma de arte,  
influenciando toda uma geração de fotógrafos, entre os quais Steiner. Este terá muito  
em comum com a fotografia ambos, com Stieglitz, partilhava também muito  
concretamente um interesse pela fotografia de nuvens, que prosseguiria anos mais  
tarde que este. Todavia, Ralph Steiner destacar-se-ia sobretudo como um dos  
grandes pioneiros do cinema de vanguarda dos anos vinte e trinta norte americanos,  
mas também de um documentarismo mais politizado.

Curiosamente, **Look Park** é já um filme de 1974, e do final da sua carreira como  
cineasta, que, no fundo, ao encerrar este Ciclo, nos devolve uma perspectiva circular  
da mesma, uma vez que esta obra rima inevitavelmente com **H2O** (1929) (que fez  
parte de uma das primeiras sessões do Programa), em que no final dos anos vinte  
Steiner afirmava o seu interesse pela natureza e pela água em concreto, mas sempre  
numa perspectiva muito gráfica com tendência para uma progressiva abstracção (um  
movimento que se sente no interior desse tão especial filme)

Regressamos no fundo a um estudo da luz e dos movimentos no mesmo mundo natural, mas a perspectiva de **Look Park** reforça o carácter informe desses mesmos movimentos (ou mais concretamente, dos seus reflexos) no sentido de uma grande abstracção. Aqui o foco está na percepção e no olhar/ver, e o vocábulo “look” destaca essa mesma vertente, fazendo **Look Park** parte de um conjunto de filmes experimentais realizados em 16mm, que Steiner intitulou “The Joy of Seeing”. E se **H2O** foi considerado um “clássico” das vanguardas e aproximado de obras como a de Man Ray, o segmento final de **Look Park**, convoca-nos inevitavelmente o trabalho desse e de outros artistas próximos do surrealismo, que exploravam a fundo os reflexos, os espelhos e as distorções como modo de convocação de mundos paralelos, ao mesmo tempo que questionavam o realismo da representação.

Steiner, que havia vivido momentos de um cinema extremamente politizado, parte dele produzido no contexto dos colectivos que co-fundou como a Photo League, ou com todos aqueles que colaborou como Pare Lorentz ou Jay Leyda, reaproxima-se aqui de um cinema puro, praticado por criadores como Hans Richter, ou mesmo Joris Ivens (**Regen/Chuva** é do mesmo ano que **H2O**), que tanto se interessou pelos movimentos da água e dos seus reflexos.

A cores, se o início de **Look Park** é ainda atravessado por um forte realismo no que respeita à matéria representada, este desvanece-se progressivamente com a aposta num cinema em estado líquido, feita de ritmos e de contrastes, cuja abstracção é enfatizada pela opção do preto e branco. A música electrónica é de Jacob Druckman e a montagem de Nathaniel Dorsky, que mais tarde se destacaria também no campo do cinema experimental, uma aproximação de criadores deveras curiosa, que nos permite intuir uma ideia de transmissão no contexto do acto da criação. Na sua contínua metamorfose de formas líquidas, **Look Park** consegue momentos de extraordinária beleza que convocam o ambicionado “prazer da visão”.

Joana Ascensão